

# A CORRESPONDENCIA DO NORTE

PUBLICA-SE ÀS QUARTAS-FEIRAS E SABBADOS

1.º ANNO 1880

**Anuncios**  
 Por linha..... 20 reis  
 Repetições..... 10 «  
 Communicados por linha..... 40 «  
 Folha avulso..... 40 «  
 Os snrs. assignantes terão abatimento de 20 por cento nas suas publicações.

Quarta-feira 7 de Julho

**Assignatura paga adiantada**

Para Braga, por trimestre..... 600 reis  
 Para as provincias..... 680 «  
 Para o Brazil por anno (moeda forte) 4400 «  
 Escripção da redacção; RUA NOVA DE SOUSA N.º 24, 1.º andar.

NUMERO 3

## ASSUMPTOS POLITICOS

### Braga, 6 de Julho

Não foi só durante o periodo legislativo que as opposições colligadas se occuparam em dar noticias falsas, em espalhar boatos absurdos e em fazer insinuações aleivasas, para assim promoverem guerra acintosa ao governo actual: ainda hoje proseguem no mesmo systema agredindo sempre, deturpando os factos e maldizendo das intenções da actual situação.

Apegaram-se, logo que se fechou o parlamento, ao famoso tratado de Lourenço Marques, que o governo levou ao parlamento, onde a respectiva commissão se negou a confirmal-o.

A opposição accusa por isso o governo, afirmando que este se compromettera a que elle fosse approvedo: que por isso as relações entre os dois paizes estavam cortadas: que a Inglaterra tem justos motivos para se julgar desconsiderada e para obrigar o governo a cumprir a palavra: e que n'estas circumstancias o governo se acha em crise.

Tudo isto se espalha com o perfido intento de animar a opposição, de fazer estriar os amigos da situação e de tirar a esta toda a sua força, suppondo que por este meio promovem a queda do governo. Tudo isto, porem, é simplesmente falso; porque nem as relações internacionaes estão entrecortadas, nem os governos dos dois paizes deixaram de viver ainda na maior harmonia. Admira, pois, que a opposição se prevalesça para combater a situação, d'um meio tão perfido e indigno: mas mais admira ainda que, quando houvesse realmente algum desaccordo entre o governo dos dois paizes, ella levasse a falta de patriotismo

ao ponto de tomar o partido do estrangeiro contra o seu paiz; e sobre tudo que se prevalesça d'uma questão que a propria regeneração levantou, celebrando um contracto ruinoso para o paiz, e por modo que bem manifesta a má fé, para não dizermos traição, com que procedeu o ministro que o subscraveu.

Em verdade, no dia subsequente áquelle em que foi demittido o ministerio transacto, e quando cada um dos ministros já não devia assignar mais que os actos de mero expediente, o sr. João d'Andrade Corvo ultimou com o governo inglez um tratado que o governo actual encontrou celebrado, e teve por isso d'apresentar á Camara dos Deputados. Este tratado está concebido em condições taes que a Camara não poderá, sem faltar aos seus deveres para com o paiz, sancional-o.

A Inglaterra não pode queixar-se por isso, pois que este tratado está dependente da approvação do parlamento portuguez, a quem ella não pode nem quer por certo tolher a liberdade d'avaluar as vantagens ou os inconvenientes que d'elle podem resultar para o paiz. Mas este é que não pode deixar de notar e até punir o modo criminoso e sobrepticio com que o governo transacto celebrou um tratado altamente vantajoso para um paiz estranho e em mera ruina da nação.

A opposição, em vez de córar de vergonha pelo beneficio com que dotou o paiz, em vez de se conservar silenciosa para não ser fulminada pelo juizo imparcial da opinião publica, leva o cynismo a tal ponto que finge esquecer as suas culpas e desatinos só para ter ensejo d'agredir um governo que procura remediar os erros que lhe foram legados, e cortar os embaraços a que o dito tratado deu origem.

## FOLHETIM

### No cerco do Porto

Havia tres dias que o Marechal Solignac desembarcara no Porto com alguns soldados belgas, e com elles entrou tambem para dentro do cerco um terrivel inimigo—a Cholera-morbus. Aos tifos, que já devastavam a cidade veio ajuntar-se mais essa desolação para tornar mais completo o triumvirato da morte. De cem pessoas atacadas diariamente succumbia o terço. A fome ia chegando ao desespero, porque além das forças inimigas, desde janeiro que os vendavaes bloqueavam a barra. A falta de carne os doentes eram sustentados a sôpa de bacalhau, os caldos temperavam-se com assucar e aguardente; as camas eram de feijão para sustentarem a cavalleria, e além dos preços dos generos mais urgentes os mercieiros vendiam falsificações doentias taes como de azeite e oleo de linhaça, ou de manteiga e cebo. Era preciso toctar com a fome, e em fevereiro começou a distribuir-se uma sôpa economica, de um quartilho de caldo de feijão com arroz e farinha de trigo; no primeiro dia acudiram trezentas pessoas, ao segundo dia subiram já a setecentas as rações. Emfim,

desde a perda do reducto do Monte de Crasto, que Solignac apenas conservou oito horas, as condições de resistencia da cidade tornaram-se desesperadas; derrotado tambem na sua tentativa de assalto ao Castello do Queijo, em 24 de janeiro, a consequencia desastrosa fez-se logo sentir: o inimigo comprehendeu que fechando a barra do Porto venceria o cerco pela fome. Para isso fortificou quasi toda a costa e levantou a terrivel bateria de Serralves, que cortava toda a communicação com a Foz. Pelo seu lado os liberaes reforçaram o reducto da Senhora da Luz e occuparam immediatamente as alturas do Pastelleiro e do Pinhal. Mas a resistencia ia-se tornando cada vez mais inutil, porque além da chuva as granadas que cahiam dia e noite sobre a cidade, além da recrudescencia da Cholera, para a qual já não bastava o hospital da quinta dos Congregados, o mar conservava-se tão tempestuoso que não era possivel apparecer véla alguma no horizon, te! Foram quarenta dias sem esperança, quarenta dias em que esteve tudo perdido menos a força moral.

A historia official, subordinada á exactão dos boletins de campanha, não allude a este periodo dos quarenta dias do principio do anno de 1833, e contudo nesse periodo de desolação extrema é que se praticaram os maiores rasgos de valde moral: todos foram heroes, as mulheres e os velhos. E' pena, que homens do talen-

Damos em seguida, o discurso pronunciado pelo nosso collega e amigo o sr. Nunes d'Azevedo, por occasião da distribuição de premios aos alumnos das escolas regias da Villa dos Arcos de Val de Vez, em commemoração do tricentenario de Camões.

A nossa opinião individual queda-nos na consciencia. O publico, juiz competentissimo e recto, na maioria dos casos, que a emitta e vulgarize se o merecer.

SENHORES:

«Mais conveniente se me afigura nada dizer de Carthago, do que dizer pouco» escrevia Sallustio, o grande historiador latino, referindo-se á irreconciliavel rival e inimiga de Roma. E este pensamento d'aquelle homem abalizado e notavel parece-me ter uma applicação muito frizante na excepcionalidade da situação em que me encontro. O silencio consagrado á memoria do vulto patrio, em honra do qual hoje aqui nos reunimos, era talvez mais digno d'elle, mais nobre, do que as occas e dessubstantiosas palavras que eu aqui vou pronunciar.

Ainda assim, não posso ficar callado ante a imponencia d'este dia.

A lembrança d'um homem que foi, que é, que será sempre, em quanto no espirito dos portuguezes lalejar a veia do criterio, considerado como o primeiro; inquestionavelmente o nosso primeiro genio da poesia heroica; a lembrança d'esse homem á qual se me associam no espirito os diferentes episodios da sua vida—vida luminosa, mas desconhecida no seu tempo, como esses metéoros que ninguem vê, que passam de noite sobre as necrópoles frias d'alguma aldêa que dorme, ou sobre os telhados alvaceutos d'alguma cidade que delira, á luz crua dos *spermacelli*, nos cordacismos da orgia; a lembrança d'esse homem, repito, põe por todo o meu ser uma impressão de tal natureza que me sinto, a meu pezar, arrastado, impellido para o vortice onde se revolteam os fortes enthusiasmos.

E' que, senhores, os grandes homens teem para mim o encanto do maravilhoso, a atracção do irresistivel, o deslumbramento do

ideal. Ouvindo-os, tractando-os, occupando-me d'elles, não sou o mesmo: ins-tilla-se-me na alma uma especie de fluido igneo, o craneo dilata-se-me á acção fortissima d'um calorico imponderavel, todo eu me sinto como que envolvido n'uma pyrosphera abrasante, que me excita, que me modifica o organismo, naturalmente frio, que me envaza n'uma outra natureza. Desconheço-me então. Deante de mim, por sobre a minha cabeça, em toda a linha circular do horizonte, destacam-se-me regiões, d'um character offuscador, que a razão não define: irradiam-se-me luzes, d'umas tonalidades ideaes, phantasmagoricos; desfrem-se-me cantatas d'um sabor tam lyrico, tam suave, que eu, no meio d'esta complexidade de seres, creados por uma phantasia de febre, como o homem paradiziaco de Buffon, sinto-me preza das agitações dos espantos estupendos, e, ora crendo, ora duvidando, vou subindo, a pouco e pouco, lentamente, toda a escala do irreal nas espiraes embriagadoras do bello, do sublime, do transcendental.

Com relação a Camões, acontece-me isto.

E' que, senhores, como já disse, Camões foi um grande homem—foi um genio. Camões foi um d'esses poucos entes, em cuja cabeça Deus, esquecendo-se por um instante da intransmissibilidade dos seus attributos, despeja, na exuberancia das suas graças, raios do seu proprio ser, chamando-os á communhão das suas mais esplendidas concepções. Imprime-lhes uma natureza ultra, e faz d'elles obreiros escolhidos da sua nobre officina.

D'est'arte, investidos da semidivindade que elle lhes outorga, vivem n'um outro meio social em que os não vemos, separados de nós pela aristocracia do seu talento, occupando esses vastissimos espaços em que avoejam, n'uma adoravel coexistencia, a liberdade, a intelligencia, o saber—trindade augusta em que se consubstanciam, e fundem, e unificam.

Camões, senhores, ainda repito, foi um genio; e o genio, diz Lebrun,

«.....est un dieu tout de gloire et de flamme.»

E se é Deus—ainda que no sentido res-

se ao velho com um interesse e familiaridade e n parte provocada pelo aspecto venerando e cheio de auctoridade:

—Amigo! que faz você por aqui?

—Senhor, tenho aqui nas linhas um filho.

—Bem; então anda por ahí á vontade se não tem medo das balas.

—Medo das balas? Isso são confeitos de noivado. Não tivesse eu cá os meus setenta e quatro, que outro gallo cantaria.

—O seu filho, vê-o d'ahi?

—Por ora ainda o vejo. Não estou aqui por ter medo de perdê-lo, é para ir socagar as mulheres, as irmans, que sempre estão com algum cuidado. Querem saber alguma cousa das linhas.

Este dialogo foi interrompido por um toque de carga á baioneta; pôde-se imaginar quem trouxe para a cidade a noticia do triumpho. Chegou o terrivel dia 24 de maio; estava acabado de construir o reducto das Antas, guardado apenas por trinta soldados de caçadores 5: Nisto as tropas inimigas, em numero de dois mil homens, tomaram o reducto das Antas! Era preciso desapossal-os, a todo o trause, e de facto não poderam conservar o reducto além das trez horas da tarde desse dia. Infantaria trez, nove e dez, quarenta lanceiros, e um batalhão inglez cumpriram o seu dever: foi uma refrega atroz. O Monte das Antas ficou juncado de cadaveres; mas adiante na Casa Negra era ainda maior a carnificina.

(Continua)



tricto em que esta palavra se deva enten-  
der—requer o perpetuo insenso das nossas  
adorações, que, n'este caso, deve ser o prei-  
to rendido á memoria do seu nome.

Mas este preito, este rendimento, esta ho-  
menagem devida ao cantor dos nossos *Luziadas*,  
tem vivido até hoje no seio dos  
portuguezes em um estado latente, occulto  
nas neblinas d'uma indifferença deleteria,  
irrevelado, apenas sentido, por momentos,  
no mais intimo das nossas afeições patrio-  
ticas, como se publicamente, praticamente,  
á luz das nossas acções externas, tivesse-  
mos que nos envergonhar d'esta nossa fé!!!

Foram precisos tres seculos para que no  
espírito dos portuguezes despontasse a per-  
cepção d'este dever. O periodo foi assás  
longo para amadurecer este fructo. Dir-se-  
ia que a semente fôra lançada em um ter-  
reno esteril e ingrato, em uma enxara  
pobriissima, onde a germinação, por demo-  
rada, se tornava impossivel.

Mas assim devia ser,

(Continúa)

### Novo ministro

Já não offerece duvida que está defini-  
tivamente provida a pasta da marinha e  
ultra-mar. Se não foi ainda, vai ser assi-  
gnado o decreto de nomeação do sr. Vis-  
conde de S. Januario para occupar tão ele-  
vado cargo.

Ha dias, lamentamos que o sr. Mar-  
quez de Sabugosa fosse constrangido pelo  
imperioso dever de tractar da sua saúde a  
deixar a gerencia d'uma Repartição, em  
que demonstrou, mais uma vez, a sua pro-  
verbial inteireza e consumada prudencia.  
Folgamos, porem, agora, ao vermos que  
teve por successor um cavalheiro dignissi-  
mo, que em toda a parte onde tem exerci-  
do importantes commissões, tem dado pro-  
vas inequivocas de summa probidade, robu-  
sta intelligencia e fecunda iniciativa; e que a  
tão distinctos predicados allia pleno conhe-  
cimento das nossas colonias e aturada  
praticada da sua administração. Felici-  
temos-nos por isso; pois que é das nossas  
colonias que nos pode advir a precisa con-  
sideração entre as nações, e, em grande  
parte, o nosso restabelecimento economi-  
co.

## No estrangeiro

Em França, na Camara o sr. Freppel  
bispo de Angers, pronunciou-se contra a  
execução dos decretos de 29 de março, at-  
tacando-os violentamente por oppostos á  
tranquillidade legal do cidadão dentro do  
seu domicilio, e attentatorios da liberdade  
individual.

O ministro do interior respondeu que os  
decretos foram executados sob sua responsa-  
bilidade; e que em toda a parte são as leis  
que os fazem sempre executar; e que ni-  
guem se pode pôr fora d'ellas.

Os executados evacuarão os seus esta-  
belecimentos só pelo emprego da força, e  
protestaram pelos seus direitos, intentando  
acção judicial contra as medidas do go-  
verno.

Levantaram-se vivas á liberdade e aos  
jesuitas, aos quaes se contrapuseram on-  
trás á republica e aos decretos, por occasiã da  
expulsão. Não foi, porém, alterada a or-  
dem publica, como se receiava.

Na Belgica tambem se annuncia um  
rompimento entre o governo e o Vaticano,  
crendo-se que o representante d'aquella  
nação juncto d'esta corte receberá ordens  
para retirar d'alli a sua missão diploma-  
tica.

As agitações religiosas convulsionam  
tambem a Suissa, e o fogo promete lar-  
var por mais longe.

São questões estas que, uma vez come-  
çadas, offerecem longa duração, quasi sem-  
pre, e deixam de si na historia uns rastros  
de triste celebridade,

## Occorrencias locais

### Bom Jesus do Monte

Recebeu-se hontem n'esta cidade, com  
grande satisfação, a noticia de que fôra  
deferida a representação da meza d'este  
sanctuario, em que se pedia para serem  
isentos das leis da desamortização os edi-  
fícios, mattas e terrenos pertencentes ao  
mesmo sanctuario.

Este despacho, que veio affastar comple-  
tamente os receios que havia acerca do des-  
tino que poderiam ter aquellas proprieda-  
des, não podia deixar de produzir a mais  
viva e agradável impressão nos habitantes

de Braga, que muito se interessam pelos  
melhoramentos de tão pittoresco local, cer-  
tamente o mais poderoso attractivo para os  
que visitam esta cidade.

O advogado da meza perante o nobre mi-  
nistro da fazenda foi o sr. dr. José Maria  
Rodrigues de Carvalho. S. exc.ª, que tan-  
tos serviços tem prestado áquelle sanctua-  
rio, encarregou-se de diligenciar esta im-  
portante concessão.

Como manifestação de agradecimento ao  
sr. dr. Carvalho, sahio ao fim da tarde uma  
banda de musica que foi tocar a porta d'es-  
te distincto cavalheiro, e em seguida per-  
correu varias ruas da cidade, subindo ao  
ar grande numero de foguetes.

Está doente o ex.º sr. Visconde de Car-  
vellos, muito digno e honrado presidente  
do centro progressista d'esta cidade

Ashelamos-lhe um proximo restabeleci-  
mento.

Partiu na segunda feira para Fafe, o  
nosso amigo e correlegionario o sr. Luiz  
Rebello de Castro.

No monte do Picoto, ao sul d'esta  
cidade, vai erigir-se em breve uma capel-  
linha consagrada ao Coração de Jesus.

E' espera'o n'esta cidade, onde vem  
dar algumas lições de caligraphia, o sr.  
Luiz Adelino Lopes da Cruz, distincto pro-  
fessor de Coimbra.

E' geralmente promettedor o estado agri-  
cola d'este concelho.

Está no Bom Jesus, hospedada no mag-  
nifico e acreditado Hotel do Parque, a sr.ª  
Condessa d'Azevedo.

Partiu no sabbado para Monsanto o illus-  
tre deputado por alli o ex.º sr. dr. Luiz  
José Dias.

A estação telegraphica d'esta cidade ren-  
deu no mez de junho findo, a quantia de  
172,5000 reis.

Tem estado enfermo na sua quinta do  
Val d'Este o sr. Simão Duarte d'Oliveira,  
abastado capitalista do Porto.

E' amanhã o 48.º anniversario do de-  
sembarque das tropas liberaes nas praias  
de Mindello, e consequentemente uma data  
muito memoravel para a historia do nosso  
movimento liberal.

N'esta cidade costuma celebrar-se este  
dia com manifestações de regosijo; mas  
este anno não ha projectos alguns de feste-  
jos para esse effeito.

E' muito sentida por aqui esta omissão.

Na eleição da meza da Misericórdia, a  
que se procedeu no sabbado passado, ficou  
reconduzida a antiga, á excepção do sr. Jo-  
sé Rebello, que foi substituido por o sr.  
Araujo Correia; e a vaga do fallecido padre  
Peixoto foi preenchida pelo sr. Gomes do  
Couto.

Pelas duas horas da madrugada de  
ante-hontem manifestou-se incendio em  
uma loja de latoeiro da rua dos Chãos que  
foi promptamente debellado.

Regressou de Faro o sr. dr. João de  
Mendonça. Vem completamente restabeleci-  
do dos seus encommodos.

Pela repartição de via e obras do ca-  
minho de ferro de Minho e Douro, abriu-se  
concurso até ao dia 15 do corrente mez pa-  
ra a construcção de cobertura metallica na  
estação do entroncamento de Nive. Vê-se  
que d'este modo teremos em breve realisa-  
do o importante melhoramento devido aos  
esforços do sr. dr. Penha Fortuna, deputado  
por este circulo.

## CORRESPONDENCIAS

Villa Verde 1 de julho de 1880.

Com grande prazer foi aqui recebido o  
novo periodico d'essa cidade *A Correspondencia do Norte*.

Não havia outra coisa a esperar. Todos os  
partidarios do actual governo estavam an-  
ciosos por uma publicação d'esta ordem,  
que viesse preencher uma lacuna de ha  
muito sentida em todo o districto.

Posto que tarde, veio ainda muito a tem-  
po—*A Correspondencia do Norte*—para  
advogar no districto de Braga a causa do  
partido progressista, do partido que se em-  
penha em levantar a nação do abysmo a  
que era levada pela governação régene-  
radora.

Desde que subiu ao poder o partido pro-  
gressista um novo raio de luz veio euchar  
de esperanza e de alegria o animo de to-  
dos—E' que do governo actual é que o  
povo espera moralidade, economia e pro-  
gresso; e na verdade o governo ainda se  
não desviou do plano que antes traçara.—  
Em quanto assim proceder não hão-de fal-  
tar-lhe afeicionados, e o paiz ser-lhe-ha sem-  
pre reconhecido.

Bem vinda seja, pois, *A Correspondencia do Norte*, e estamos certos de que,  
cumprindo, como esperamos, o seu pro-  
gramma, nunca lhe faltará a coadjuvação do  
publico.

E' em geral animador o estado da agri-  
cultura n'este importante concelho, e assim  
podemos este anno esperar uma boa colhei-  
ta de milho, trigo, batata, feijão, vinho e  
azeite: este ultimo producto promette uma  
abundancia como ha muitos annos não hou-  
ve.—As ultimas chuvas alguns prejuizos  
causaram, mas se o tempo continua como  
ha dias a esta parte, nada haverá que re-  
cear para a agricultura.

Teve lugar no dia 29 do mez passado  
a festividade do Senhor dos Afflictos na fre-  
guesia de Lanhas.—Na vespera houve gran-  
de arraial com illuminação, fogo preso a  
do ar, e tres musicas. A concorrencia do  
povo, tanto na vespera como no dia, foi  
numerosa, e graças ás providencias da au-  
toridade administrativa, nenhum inci-  
dente desagradavel nos consta que se  
desse.

Esteve bastante encommoado o ex.º  
sr. dr. João Feio Soares d'Azevedo, mu-  
ito digno administrador d'este concelho—s.  
ex.ª acha-se quasi restabelecido, com o que  
muito folgamos.

Causou aqui grande impressão a no-  
ticia do fallecimento, n'essa cidade, da es-  
posa do ex.º sr. Antonio Maria Lopes  
Pereira de Sousa Lobo, escrivão da cam-  
ara Municipal d'este concelho.—A sua ex.ª e  
familia enviamos os nossos sentidos pe-  
zames.

Os gatinos penetraram, em uma das  
noites da semana passada, na capella de  
Santo Antonio d'esta villa, arrombaram  
uma caixa, roubando alguns objectos.—Pe-  
la administração do concelho procede-se  
a averiguações.

Nada mais por hoje.

J.

## NA REGOIA

Meus amigos

Queiram desculpar: o preambulo da mi-  
nha apresentação vem despido de modestia  
e *impissant*,—é um preambulo franco, po-  
sitivo.

Seu um bom rapaz, anemico, franzino,  
e amante dos processos novos que os litte-  
ratos de «primo cartello» empregam nos  
seus trabalhos.

A minha muza é pobre, tosca, doentia e  
ao contemplar, reverente, o talento de suas  
irmãs mais velhas que tem engrinaldado  
as frentes dos nossos mais abalizados escri-  
ptores, sente-se doente do peito e foge es-  
pavorida atravez da Parvonia, para não  
ouvir o riziinho agudo e *canaille* dos *mes-  
tres*, dos grandes mestres, que riem dos  
pobres do talento que se aventuram a es-  
crevishar.

Queiram desculpar, repito. Se as minhas  
epistolas semanaes não possuem a phrase  
viva e correcta que possa agradar aos le-  
itores do vosso jornal, tem, pelo menos,  
uma grande vontade pelo estudo, no seu  
author, que se exforça por apresentar se-  
manalmente as noticias mais palpitantes  
d'esta villa.

E sem mais.

—A questão magna, o assumpto do dia  
em que a Regoia se preocupa, é sobre o tri-  
centenario de Luiz de Camões. Por toda a  
parte o povo portuguez demonstrou os  
sentimentos patrioticos que possui, pres-  
tando uma homenagem digna de veneração

e de respeito ao glorioso cantor das nos-  
sas glorias.

Mas a Regoia mostrou-se impassivel! ás rui-  
dosas manifestações, e no dia 10, quando  
veio a noite, uma noite crystallina que pare-  
cia olhar com um sorriso doce para a for-  
mosa villa, embrulhou-se na sua capa de  
tedio e foi assistir ao spectaculo no thea-  
tro Regoense.

Na tabacaria do sr. Teixeira de Mene-  
zes, uma tabacaria toda elegante, embelle-  
sada de quadros oleographicos, cheia de  
aromas penetrantes sahidos dos vasos com  
plantas que alli estão, emfim uma tabacaria  
muito superiormente digna da Regoia, é  
costume reunirem á *palestra*, saboreando  
um *la Rosita*, moços de provado talento:  
estes, querendo associar-se ás festas do  
centenario, ainda trabalharam com energia  
de rapazes novos para poderem apresen-  
tar nos dias da solemnisção, uma home-  
nagem ao grandioso autor dos *Luziadas*.  
Infelizmente a Regoia não lhes quiz pres-  
tar o seu auxilio, os animos dos talentosos  
moços enfraqueceram e... Triste! triste!

Falleceu na sua quinta da Nogueira, o  
abastado proprietario e digno par do reino  
o sr. Francisco José da Silva Torres.

O illustre finado era um dos corações mais  
altamente caritativos: elle que enxugava as  
lagrimas da pobreza envergonhada, repar-  
tindo com ella a sua enorme fortuna, que  
sustentava, durante uma crise, os artistas  
sem trabalhos, que sempre trabalhou para  
o bem estar e augmento do Douro, acaba  
de desapparecer do seio da sociedade!...

A sua inconsolavel familia, damos os  
nossos sentidos pezames e acompanhamos  
na dor que está soffrendo por tão fatal  
golpe.

Acha-se entre nós o sr. B. Zagallo,  
illustrado redactor do *Beira e Douro* e uma  
das intelligencias mais eminentemente  
progressivas de Lamego.

Estiveram n'esta villa, de passagem  
para Lamego, os sr. dr. José Moreira da  
Fonseca, um dos mais distinctos advoga-  
dos do foro portuense, e Eduardo da Cos-  
ta Moraes, deputado regenerador que foi  
pelo circulo de Mogadouro.

A companhia dramatica dos actores Sil-  
vas que actualmente se acha em Lamego,  
veio ao theatro d'esta villa dar algumas  
recitas.

Na quinta feira, 14 do corrente, levou á  
scena os «Ultimos momentos de Camões»,  
um excellent drama do sr. Mendes Leal,  
a poesia «Genese de Camões» do distincto  
poeta o sr. Abel Acacio e o drama em  
dois actos «Um acto de justiça».

As honras da noite couberam aos acto-  
res Silvas que souberam elevar o seu pa-  
pel á altura do merito artistico de que já  
gozam. A caza estava medianamente con-  
corrida.

Vai publicar-se n'esta villa um novo  
jornal de indole litteraria.

A crise que a Regoia tem atravessa—  
do tem feito com que se não realizem tran-  
sacções no commercio de vinhos.

Pouca ou nenhuma aguardente nacional  
tem apparecido no mercado.

O vinho verde do Douro regala por 18 a  
21 mil reis e a baga de sabagoeiro a 2,8800  
a 3,5000 reis.

Até á semana.

Ricardo Morêno.

## COMMUNICADOS

### DECLARAÇÃO

Tendo pessoa de minha confiança solici-  
tado a minha assignatura em uma repre-  
sentação que dizia dirigir-se á Meza do  
Sanctuario do Senhor Bom Jesus do Monte,  
no intuito de conservarem quanto possivel  
o arvoredor que aformozeia aquelle local,  
prestei, effectivamente a minha assignatura;  
mas constando-me agora que essa repre-  
sentação se dirigira ao governo, e redigi-  
da por fórma inconveniente, e que desdiz  
da boa administração que a Meza tem feito  
declaro que retiro a minha assignatura,  
obtida com abuso de confiança.

Braga 2 de julho de 1880.

O confrade

50] Antonio Manuel Ayres d'Oliveira

Sr. Redactor.

A pedido d'um amigo, prestei o meu no-  
me para uma representação, em que se re-  
clamava contra grandissimos damnos cau-  
sados no arvoredor do Real Sanctuario do  
Bom Jesus, em virtude das obras do Ele-  
vador. Tendo porem visto e examinado no  
proprio local, que tal damno não existe, ou  
é de tal modo insignificante, que por cau-  
sa d'elle não deveria nunca deixar de rea-



lisar-se um melhoramento tão importante como é o dito Elevador, declaro, que em obediencia aos ditames da minha consciencia, retiro a minha assignatura da mencionada representação, cujos fundamentos julgo completamente inexactos.

Braga 5 de julho de 1880.

O irmão do Real Sanctuario

[8] José Maria Ribeiro de Carvalho.

## Declaração

Casimiro Francisco Fernandes Guimarães, com estabelecimento de ourivesaria na Galeria n.º 8, d'esta cidade, vem aqui declarar que não foi vendido no seu estabelecimento um par de brincos sobre o qual ha questão a respeito da qualidade das pedras, mas sim no do Ill.º sr. Antonio Casimiro da Costa, morador à Porta Nova.

(7)

Snr. Redactor

Lendo no n.º 1:100 do *Commercio do Minho* um communicado do sr. Antonio Casimiro da Costa, *ensaiador real e visual do ouro* [conhecido pelo mouco], a respeito de uns brincos de pedras sem valor, que elle vendeu como sendo de diamantes, eu não posso nem devo deixar em silencio, nem de apresentar á apreciação da opinião publica o que contem d'inverosimil, aleivoso, falso e calumnioso aquelle communicado.

É falso, falsissimo que eu dissesse a pessoa alguma que os brincos eram de diamantes; o facto de ser chamado, como perito, prova evidentemente que não tinha emitido a minha opinião a respeito de tal litigio; e é absurdo e altamente calumnioso até suppor que a minha opinião fosse contradictoria sobre a apreciação de um mesmo objecto.

Como argumento supremo em defeza das suas necedades, sandices e aleivosas diz o sr. Casimiro, que a vendedora fôra a minha casa para me vender os brincos em questão e eu os quizera comprar. Não é isto um argumento de tão grande força, como a do aparelho auditivo do sr. Casimiro mouco? Pois não poderei ajustar, comprar e vender objectos de pedras ordinarias e preciosas conforme me aprouver? Qual é o meu commercio e industria, senão comprar e vender pedras e objectos de prata? Entre nós porem, sr. Casimiro, ha uma grande differença, um abysmo; eu vendo prata como prata, pedras preciosas como taes e as de pouco valor como ordinarias. Enquanto v. s.ª... Eu tambem allugo objectos de cravação para servirem nas festividades para anjos, e imagens. O meu estabelecimento está bem abastecido, mercê de Deus, e o sr. Casimiro pôde, querendo, vizital-o e até inspecional-o para vêr se n'elle apresento gato por lebre (expressão sua).

O meu collega o sr. Oliveira já disse ao sr. Casimiro, que era no tribunal judicial que esta questão havia de ser resolvida, e que este sr. se soccorera de um plano de nova traça para a destacar e derivar para a imprensa. Quanto a mim direi que é uma esperteza ou velhacaria saloia, já muito uzada e gasta de que o publico se ri e de que o sr. Casimiro não ha-de obter resultado.

Mas uma vez que este sr. quer esclarecer a opinião publica por meio da imprensa, eu vou dar o meu pequeno contingente para o auxiliar na missão que se impoz.

Afirmando o sr. Casimiro que os brincos que a vendedora lhe apresentára, eram [embôra o dissesse a sonhar, sem estar a dormir] de diamantes e que como taes os classificára: declarando tambem que á dita vendedora dissera que este genero estava muito barato, que fosse vêr quanto os collegas davam; e dizendo mais que calculára em 6 grãos o peso das pedras [o dizer que foi de relance e sem bem attentar n'ellas é desculpa saloia e inadmissivel, por absurda, por que não é menos difficil calcular o peso das pedras cravadas do que conhecer a sua qualidade]; e tendo finalmente o sr. Casimiro officina de cravador, sendo os individuos d'esta arte os competentes para avaliar o quilate das pedras: segue-se que ou o sr. Casimiro é um ourives de mais requintada má fé, ou um chapado ignorante, e, em qualquer dos casos, um declarado embusteiro. Veja s.ª se pôde fugir d'este dilemma.

O odio, que o sr. Casimiro nutre contra todos os seus collegas, é de certo que o obriga, de vez em quando, a vir á imprensa calumniar-os, onde tem ficado sempre mal ferido e a verter sangue.

Se não fosse este odio implacavel e um orgulho sem limites, escusava o sr. Casimiro de passar por estas decepções e des-

gostos e bastar-lhe-ia o julgamento do tribunal a que officalmente está affecta esta questão, poupando-se ao dissabor de ver-se accusado e condemnado na imprensa.

Quanto a mim julgo ter repellido com toda a minha dignidade e com os limitados recursos da minha intelligencia tudo o que o sr. Casimiro me assaca.

Braga 2 de Julho de 1880

(4) Antonio José da Costa.

Snr. Redactor

Resposta ao communicado do ill.º sr. Antonio Casimiro da Costa, *ourives Ensaaiador Real e Visual do Ouro etc. etc.* inserido no n.º 1:100 do *Commercio do Minho*.

Mais uma vez, eu e os meus collegas temos a aturar o nosso illustre e presado collega o sr. Casimiro da rua Nova.

Mais uma vez, e d'esta tambem a sonhar, elle se debate e estorce em convulsões diabolicas e odientas contra nós todos.

Quasi toda a gente attribue ao demonio os seus desastres: o demonio do sr. Casimiro não é porem o anjo rebelde e condemnado; não é lucifer, são os seus collegas ourives: e se elle faz o favor de não nos considerar como o seu anjo mau, não pôde deixar, pelo que diz e escreve, de ternos pelo seu importuno Cabrion.

Ahi vai a prova do meu dito.

Quebram uma tableta ao sr. Casimiro, e logo s.ª culpa os collegas, cai-lhe um dente, faltam-lhe alguns cabellos... são os collegas os causadores de taes catastrophes. manca, ouve muito mal e vê pouco, a causa é tambem a mesma: finalmente vende uns brincos de diamantes, vistos, examinados e aquilutados, ainda os collegas por artes mephistophelicas transformam os diamantes em pedras ordinarias!

Já é!

Eu nos casos do sr. Casimiro desafrota-me botando um folheto com o seguinte titulo: *Eu e os ourives de Braga*, e então *cascava-lhe a bom cascar*.

Para s.ª será isto um trabalho facil, o mesmo que comer uma colher d'ervas, por isso que já *botou* outro folheto á cerca da conveniencia de se estabelecer em Braga uma repartição de contrasteria, trabalho de grande alcance e folego, que só tinha um *pequeno defeitosinho* de duplicar o preço dos artefactos d'ouro e prata. De resto não era feio de todo.

Cóin referencia ao communicado do sr. Casimiro, a que vou responder, com o respeito e acatamento devidos ao sói-disant chefe da sonhada contrasteria de Braga, tenho a declarar:

É completamente inexacto que me enganaram na classificação das pedras, que estavam engastadas em um par de brincos de prata, pois que era impossivel enganar-me não sendo consultado por pessoa alguma sobre tal questão.

Quer o sr. Casimiro saber, se é que ainda ignora, quem classificou as pedras dos alludidos brincos? Foram os peritos no auto de corpo de delicto já formado, os quaes declararam, com sciencia e consciencia, serem as pedras (os taes diamantes) de nenhum valor.

Eu, sr. Casimiro da rua Nova, quando compro algum objecto, não costumo mandar saber da opinião dos meus collegas. compro e vendo por opinião propria e pelo preço que me convém, tomando sciente e conscientemente a responsabilidade dos objectos que vendo. Jamais vendi, nem vendi pedras sem valor, como se diz v. s.ª vendi, por diamantes. Pôde ser que compre o barato por caro, e venda por barato o caro, mas d'isso não tenho que dar satisfações a ninguem por que sou de maior idade.

No tempo competente, defende-se o sr. Casimiro como melhor entender, se estiver innocente prove-o, com essa questão nada tenho; o que somente lhe posso notar é ser a sua defeza por óra temporã de mais e muito fóra de proposito, circumstancias estas que muito o podem prejudicar.

Sarprehende-me tambem que um *ensaiador real* necessite, considerando-se infallivel, de consultar a opinião dos ourives.

Ser-o, mas não me importa, que v. s.ª se vai entrincheirar no balaarte do *Amigo do Povo*, para de lá nos espingardear: digolhe até que faz muito bem: por que alli, é como se estivesse em sua casa, tem a velha e amiga redacção e as duas redacções novas, auxilio e soccorros importantes que não deve dispensar.

É talvez confiado em taes reforços que v. s.ª ameaça no seu communicado em tom imperioso, qual capitão mór de tempos já idos, que manda ensarilhar armas. Pois não meu capitão, aqui estou ás ordens, meos para praticar algum acto de cobardia, fazer

*malasartes*, e dar ao *sarilho*, que é mister proprio das mulheres. É melhor sr. Casimiro ser claro nas ameaças, para eu a *meu turno*, e os nossos collegas tambem a *seu turno* serem claros. Por meu turno lhe declaro, que não costumo recuar deante de ninguem, e por isso estou prompto a accellar o repti onde e como quizer. Se julga que tenho medo empregue os meios que julgar convenientes, mas creia que eu, nem nenhum dos meus collegas lhe irão pedir misericordia.

Basta.

P. S. Se houver novidade, avize-me com anticipação de alguns dias, por que tenho filhos e preciso por isso de fazer algumas disposições testamentarias:

Braga 2 de Julho de 1880.

(6) José Maria da Silva.

Snr. Redactor

Só com satisfação a v. e aos leitores do jornal que redige, declaro que ás accusações que em tempo me foram feitas e agora repetidas n'um communicado que v. m.ª publicou, respondi em os n.ºs 693 e 694 do *Commercio do Minho*, e 21 do *Primeiro de Janeiro* de 1879. Ás alludidas accusações, a que o ex.º commissario de policia de então deu o aprego que mereciam, não replique agora: fat-o-hei opportuna e devidamente.

Pego a v. o obsequio de fazer inserir na sua *Correspondencia do Norte* o communicado que incluo, para esclarecimento dos seus leitores.

Sou de v.

att.º v.º

Antonio Casimiro da Costa.

Snr. Redactor

Mais uma vez me vejo compellido a vir a este tribunal da imprensa, e agora, como n'outras occasiões, em defeza da minha honra. São numerosos os meus inimigos, e eu quasi só; no entanto como tenho consciencia de haver sempre trilhado caminho recto, não os receio.

Acaba de me ser armada por elles mais uma cilada, que passo a desenhencillar. A exposição que segue mostrará claramente o requinte da patifaria:

No dia 19 ou 20 d'este mez, veio ao meu estabelecimento, Maria da Conceição, creada d'uma casa da rua do Anjo, rogarme a compra d'uns brincos de diamantes. Disse-lhe que estando este genero muito barato, fosse ella primeiro offercel-os aos meus collegas, e depois voltasse que eu lhe daria mais alguma coisa que a avaliação d'elles. Por este motivo não prestei aos brincos nenhuma attenção.

No dia 21, chegando eu do Porto, no comboio da tarde, já encontrei no meu estabelecimento a vendedora, a quem perguntei o que havia a respeito dos brincos. Respondeu-me que tinha ido com elles ao sr. Antonio da prata, e ao contraste da prata, o primeiro dos quaes lhe offercêra 55000 reis, e o segundo 55500 reis; mas que não os dava por menos de 65000 reis. Segundo o que promettêra, dei-lhe 65000 reis pelos brincos e 200 reis para ella.

Se da primeira vez não prestei attenção aos brincos, menos a prestei ao pagal-os por estar um pouco fatigado da viagem, e por confiar [como ainda hoje confio] na offerta dos meus collegas citados; porque devendo os brincos de diamantes ter seis grãos, a offerta estava em relação.

Em seguida mandei limpar-os e no dia seguinte foram expostos á venda.

No dia 23 appareceu no meu estabelecimento o sr. Francisco Moreira, sapateiro morador na rua de Santa Margarida, o qual apresentando-me uns brincos de prata com pedras falsas, me perguntou se eu teria uns iguaes. Respondi-lhe que não, mas que tinha uns de diamantes, já usados que lhe ficavam em conta. Mostrei-lhos e vendi-lhos por 75500 reis. Pediu-me o referido individuo que lhe passasse um bilhete do meu estabelecimento: passei-lho com a maior franqueza.

Da minha compra e venda não ha testemunha alguma.

Na tarde do mesmo dia entrou no meu estabelecimento, Luiz Joaquim d'Oliveira, ourives, e disse: que tendo precisão d'uns brincos iggaes mandara comprar os já indicados, pelo tal sapateiro, e que não viera compral-os pessoalmente por andar zangado commigo: que precisava saber se effectivamente eu os havia vendido, e se eram de diamantes, pois elle entendia que não eram.

Contei-lhe tudo e accrescentei, que, se

elle entendia que não eram diamantes, eu lhe tornaria o dinheiro. Respondeu-me que não queria o dinheiro, que ia proceder contra mim. Não lhe pedi o contrario, antes o animei a que procedesse como quizesse.

Esta conversa foi presenciada pelo ill.º sr. Alvim, e por um negociante da rua das Aguas.

Do que deixo exposto se infere que comprei os brincos como diamantes e como taes os vendi. É crível que nos tivéssemos enganado o contraste da prata, o sr. Antonio, e eu? Como seria que depois de eu os ter vendido ao sapateiro se transformaram em pedras falsas? Que precisão teria o sapateiro de comprar uns brincos de diamantes? Se eram (seriam?) para o sr. Luiz, como advinhou este sr. que eu tinha uns que lhe *convinham*. Se acto continuo á venda, e esta com testemunhas, os brincos fossem depositados na auctoridade competente, a haver maroleira já eu não podia ser victima senão da minha boa-fé; mas estando os brincos na mão do sr. Luiz até ao dia 25, que dicho estiveram a fazer os praticos? Em Braga, *sonhei* que se descravaram algumas pedras, e que uma das pessoas competentes não polêra dizer que não eram diamantes. Tambem *sonhei* que os brincos foram viajar até ao Porto. O que iram elles lá cheirar? Para sabermos se eram ou não diamantes, não precisavam da viagem pois temos cá dois contrastes, e muitos ourives praticos.

Para esta tratantada ter vizes de seriedade, o sapateiro comprador, quando não confiasse em mim, deveria recorrer aos contrastes, que o desenganiariam. Mas não a marosca estava planeada d'antemão. Conhecendo-a, chamei ao meu estabelecimento a mulher que me vendeu os brincos e perante tres testemunhas ella ratificou o que havia dicho acerca da offerta dos seus collegas.

Snr. redactor: eu já sabia, desde que procedi contra os que mandaram quebrar a tableta do meu estabelecimento, eu já sabia que os meus inimigos, pretendiam arranjar-me um *sarilho* para eu ir, segundo os seus desejos, até á Africa. Será este? Para que não tem cançalo em fazer-me arguições refalsadas, provocações, e esperas? E as pasquinadas que de tempos a tempos mandam correr mundo?

No entretanto, [collegas, prefiro que mandeis quebrar mil vezes a tableta do meu estabelecimento, ou que lanceis fogo á minha casa, do que me imputeis o eu ter vendido gato por lebre. Se entendeis que em promover-me uma querella, a minha honra ficará manchada e o meu credito abalado, andae para diante. Nem o vosso numero, nem a minha situação de presumido *reu* me irão ladear do caminho que encetei. Tenho a certeza que mais cedo ou mais tarde tereis malasartes de me fazerdes *reu* á força; mas então eu farei como que ensarilheis armas para sempre. Cada um de vós me comprehende por seu turno.

Tende a certeza que nada conseguireis contra a minha honra, que está muito acima das vossas artimanhas e das vossas torpissimas vinganças.

Braga 29 de junho de 1880.

Antonio Casimiro da Costa.

## AGRADECIMENTOS

Ainda não de todo restabelecido e tendo de partir um d'estes dias para as Taipas a fazer uzo das aguas thermaes, impossivel me é, como desejava, agradecer pessoalmente a todas as Ex.ºs Srs.ªs e cavalheiros tanto d'esta cidade como d'outras localidades, a parte que tomaram na minha prolongada doença, tendo o obsequioso encómmodo de procurar saber do meu estado interessarem-se pelo meu restabelecimento o fiço por este meio, confessando-me sumamente agradecido por tão dedicadas provas de estima.

Braga, 25 de Junho de 1880.

Amaro d'Azevedo Araujo e Gama.

(43)

## ANNUNCIOS

BANCO LISBOA E AÇORES

Na thezouraria do Banco do Minho está aberto o pagamento do dividendo pertencente ás accções do Banco Lisboa e Açores, na rasão de 3% relativo ao 1.º semestre do anno corrente.



## Trabalhos de cabelo

Fazem-se de lindos e variados gostos, como são brinco, broches, braceletes, correntes, aneis, trançelins, e abotoaduras de camisas; quem pertender pôde tractar na

RUA DO ALCAIDE N.º 8

BRAGA. (48)

### Atenção

Todas as esmolas, ou qualquer outro donativo offerecido a Nossa Senhora da Conceição de Sameiro, devem ser lançadas na caixa da mesma Senhora na igreja do Populo, ou entregar ao Thesoureiro o sr. Antonio José Vieira Machado, Praça Municipal 17.

O Presidente da Comissão

Conselheiro Francisco Xavier de Souza Torres Almeida [36]

## HOURA

### BRAGA

RUA DE S. MARCOS, N.º 5

Vende papeis pintados para guarnecer salas, lindissimos gostos, a principiar em 80 reis a peça.

Vende oleo, tintas e vernizes para pinturas de casas, tudo de boa qualidade, e por preços muito resomidos.

Vende cimento romano para vedar aguas, gesso para estuques de casas, tudo de primeira qualidade. (8)

A's officinas de latoeiros e outras, e ás casas particulares.

MANOEL JOAQUIM FERNANDES LOPES & C.ª, —Largo de S. Francisco n.º 12,—teem à venda um papel especial, (papier rouge), que dá a toda sorte de metaes um polido dos mais brilhantes. (38)

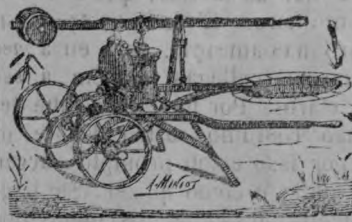
## CONSULTORIO DENTAL



39—RUA DOS CHÃOS—39 [1]

### Atenção

No rua do Souto n.º 38, vendem-se caixões vazios, por preços modicos. (17)



**J. MORET & BROQUET**  
CONSTRUCTORES COM PRIVILEGIO  
Fabrica e escriptorio, 421, rue Oberkampf, PARIZ  
Cinco premios nos quaes quatro medalhas de prata  
Exposição de 1878  
Nova bomba de regamento e para vinhos realisando aperfeiçoamentos que o tornam muito superior a outros systemas similhantes! a bomba mais commoda para os empregos para as quaes está destinada.—O CATALOGO MANDA-SE FRANCO. (29)

## COMPANHIA NACIONAL DE TABACOS EM XABREGAS

Esta Companhia previne os consumidores dos generos da sua fabrica que, para não poder ser illudido com os de outras, resolveu mudar os desenhos e legendas dos involucros dos seus diversos tabacos, começando pelo rapè cujos involucros terão n'uma face o nome da Companhia com as armas reaes, n'outra o desenho do edificio da sua fabrica, na terceira o fac-simile da assignatura do seu antigo mestre de rapè J. Joannis e na quarta as medalhas que tem conquistado em todas as exposições a que tem concorrido, e finalmente n'um dos topos o monogramma das letras C. N. T. X. e no outro a designação da qualidade do rapè e seu respectivo peso; isto nos volumes de 500 e 250 grammas e nos volumes de 100, 50 e 25 grammas uma cinta com o desenho da fabrica e a referida assignatura J. Joannis.

Mais previne que continuará a fornecer este artigo nos mesmos volumes de 1000, de 500, de 250, de 100, 50 e de 25 grammas, e ainda n'outros de menos peso, posto não aconselhar aos seus agentes a requisição d'estes, porque julga não estar similhante fabrico nem no interesse do estaqueiro, nem no do consumidor.

Lisboa, 3 de junho de 1880.

Por intermedio da Agencia de Publicidade no Porto. (35)

## BOM JESUS DO MONTE HOTEL DO PARQUE

### TABELLA

#### ALMOÇO A QUALQUER HORA

Bifes, ovos, pão, vinho, (2 decilitros e meio) chá e monteira.. 300 rs.

#### JANTAR AS TRES HORAS DA TARDE

Sopa, cosido, arros, 3 pratos de meio, pão, vinho (meio litro) fructas do tempo, queijo, podim, ou outro doce de prato e caffè..... 600 rs.

#### CEIA A'S NOVE HORAS DA NOITE

Chá, biscouto, pão, e manteiga ..... 160 rs.

Cada hospede preço diario incluindo quarto intapetado e cama..... 1500 rs.  
D.to sem tapete..... 1200 rs.  
Criado ou criada, metade do preço.

Cada banho quente ou frio..200 rs.

### LISTA

Sopa de pão para uma pessoa..... 20 rs.  
Dita de massa..... 30 rs.  
Cosido e arroz..... 140 rs.  
Guisado..... 120 rs.  
Costelletes cada uma... 80 rs.  
Croquettes franceses cada um..... 80 rs.  
Pasteis de carne..... 40 rs.  
Bife á ingleza..... 160 rs.  
Dito de cebolada..... 150 rs.  
Assado..... 140 rs.  
Lombo de porco com batatas..... 140 rs.

#### SOBREMEZA

Queijo para uma pessoa. 60 rs.  
Podim..... 80 rs.  
Marmelada..... 80 rs.  
Fructa do tempo..... 40 rs.  
Chá ou caffè cada chavena 30 rs.

Quem quizer comer fóra da meza redonda pagará segundo esta lista.

## ARMAZEM DE VINHOS DO ALTO DOURO

DA CASA DE VILLA POUÇA

Rua do Souto n.º 15—Braga.

N'este armazem se encontram a retalho as seguintes qualidades de vinhos engarrafados:

Vinho tinto de meza, (sem garrafa)	130
« « « « «	190
« Lagrima.....	200
« Branco de meza.....	210
« tinto de meza fino.....	270
« de prova secca.....	300
« Malvasia de 2.ª.....	360
« « velho.....	400
« Malvasia, Bastardo, e Moscatel a	500
« Roncão.....	700
« Alvaralhão.....	560
« Velho de 1854.....	600
« a retalho para meza a 60 e 80, o quartilho tinto, e branco 120.	

Responde-se e garante-se a pureza e boa qualidade de todos estes vinhos, podendo todo e qualquer consumidor mandal-o experimentar por meio de qualquer processo chymico. (15)

## VENDA DE CASA

Aluga-se a casa situada na rua do Forno, d'esta cidade, com a designação do n.º 6. Quem pretender, queira dirigir-se ao proprietario Manoel Marques de Macedo, morador em S. Martinho de Dume, com quem se pôde effectuar o contracto. (45)

## FABRICA DE PAPEL

DE

### RUÃES

Papel de jornal, 1.ª e 2.ª qualidade.  
Idem d'embrulho.  
Idem almaço, liso,  
Idem almaço, pautado.  
Preços sem competidor.

Agencia em Braga

TABACARIA BRACARENSE

Rua do Souto. (10)

## Para o Brazil

Maria da Luz, solteira, moradora na rua de S. Domingos, d'esta cidade, offerece-se para acompanhar, como creada, uma qualquer familia que vá para Pelotas ou Rio de Janeiro. Quem pretender os seus serviços, queira dirigir-se á annunciante. (16)

## SEM COMPETENCIA

### ALGODÕES

Pereira, Aguiar & C.ª, tem o deposito da fabrica do Bogio, que vende por junto e a retalho [não sendo menos de meio maço], pelo preço da fabrica.

Algodões torcidos de todos os numeros. Tramas.  
Tramas cruas e branqueadas de todos os numeros.

Estes algodões tornam-se recommendaveis a todos os consumidores, por que são os melhores até hoje conhecidos; e tanto o tem mostrado que para o Porto tem tido tanto consumo que é impossivel cumprir as encomendas.

O fim da fabrica é tornar os seus algodões conhecidos em toda a parte do paiz, por que tem a certeza de que os consumidores lhe darão a sua preferencia. [18]

Está habilitado na forma da lei.

IMPRENSA COMMERCIAL

24—Rua Nova de Sousa—24